

38



recontado por **TATIANA PEREIRA**

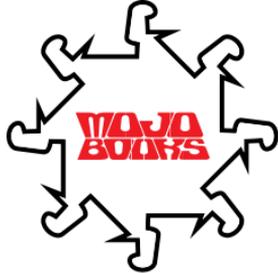


echo and the bunnymen  
**OCEAN RAIN**

Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da MOJO Books, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci  
organizador

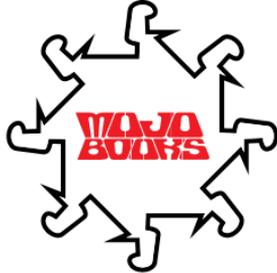


**VOLUME 38**

---

**OCEAN RAIN**  
**echo & the bunnymen**

recontado por **TATIANA PEREIRA**



**VOLUME 38**

---

**OCEAN RAIN**  
**echo & the bunnymen**

MOJO BOOKS é a divisão literária da revista *Speculum*

edição **Danilo Corci e Ricardo Giassetti**

direção de arte e capa **Delfin**

revisão **Camila Werner**

**Açosto de 2007**

## PARTE I [A VERSÃO DELA]

Chego em casa todos os dias no mesmo horário. E isso me incomoda. Me deixa nervosa. Não queria ser tão óbvia. Não queria acordar todos os dias do mesmo jeito e fazer todos aqueles rituais numa seqüência ensaiada. A minha versão de mim mesma soa como acordes de refrões repetidos. E definitivamente não gosto disso. Nunca gostei de bandas que fossem conhecidas por refrões perdidos. Mas sempre repeti os versos por conta própria...



## PARTE I [VERSÃO DELE]

Adoro vê-la entrar pelo *hall* do prédio com aquela afobação de quem está sempre atrasada. Adoro mesmo. A primeira vez que percebi aqueles passos quase perdidos e com pressa foi há quase dois meses e desde então me programo sempre na mesma hora para degustá-los em pequenos goles. Ela troca de bolsa com certa frequência e acho graça quando ela resmunga sozinha, procurando a chave do apartamento antes de entrar no elevador. Nessa hora queria ser o sonoplasta do prédio, tirar aquela música ambiente idiota e sacar as guitarras do Mr. Sergeant pra dar mais graça à cena. E, na mesma hora, achei que seria interessante participar da próxima reunião com a síndica. Foi quando percebi que nem música ambiente temos em nosso elevador..



## PARTE II

Véspera de feriado. O que seria motivo para chegar em casa e arrumar as malas pra fugir do meu caótico cotidiano, tornou-se motivo para passar no supermercado, comprar coca-cola *light*, queijo e legumes para, enfim, preparar um jantar decente. Já não me lembro quando foi a última vez que cozinhei pra mim. E pelo mesmo motivo venho adiando uma visita de cortesia ao gastro. Tenho horror em pensar no que ele irá dizer se eu tiver coragem de contar que há uns sete meses não como comida caseira e há uns quatro não compro frutas. Pensando bem, acho que não preciso ser tão sincera. Ele não é meu analista — detalhe: eu ainda não tenho um, mas vou providenciar também — e não preciso falar da minha rotina. Posso simplesmente dizer “ando sentindo umas dores de estômago” e se ele insistir em continuar a conversa, posso usar de um clichê qualquer que a minha mãe adoraria ouvir: “Ultimamente não tenho tido muito tempo pra me alimentar direito, tenho sentido falta disso”. Ok, não é verdade. Eu não sinto falta de comer brócolis com arroz integral. Mas eu estou com vinte e cinco anos e acho que está na hora de gostar.





Naquele dia, recebi vários telefonemas me convidando pra passar o feriado de *Corpus Christi* em algum lugar que não fosse o meu apartamento. Senti-me tentada, confesso. Mas preciso do meu silêncio. Preciso olhar pras paredes do meu quarto e me reconhecer. Preciso arrumar os meus cds nas prateleiras — pensei em organizar em ordem biográfica, mas achei que seria demais roubar a idéia do Rob Fleming, meu personagem predileto e quase um amigo imaginário bastante íntimo — e esses três dias vieram a calhar: São Paulo vazia. Todos os meus amigos na praia, meus pais estão de férias em Buenos Aires (e isso me faz ter motivos para não ir à cidadezinha calma, quase cenográfica, em que eles resolveram morar). Enfim, sozinha. Na minha frente, um fogão enorme, prestes a ser meu brinquedinho de final de dia. Para o jantar: arroz com legumes na manteiga, filé de frango assado com batatas gratinadas. Pra beber: coca-cola *light* com gelo e limão. Acho que vou curtir essa noite comigo.

## PARTE III

A última vez que eu fiz um jantar não foi pra mim, foi pros meus pais. Eu não sei porque tenho essa mania de querer impressioná-los. Na verdade, sei que a minha mãe não ligaria de vir me ver e comer uma pizza. Mas me sinto na obrigação de preparar algo que pareça especial. Lembro que coloquei “The End”, do Doors, no volume máximo e comecei a preparar uma massa que tinha tudo pra ficar deliciosa, se não fossem meus momentos de ausência enquanto cantava junto com o Morrison, como se fosse um mantra. Então, nada de trilha sonora pra preparar meu jantar. Tenho certeza que, em algum momento, vou me perder num acorde e pronto: já era! Comida indigesta ao som de algo perturbador.

Desliguei o celular. Separei umas correspondências pra ler enquanto o arroz estivesse no forno. Percebi que movimentava meu corpo de acordo com uma melodia que me parecia muito familiar. Não consegui identificá-la com clareza. Mas era muito familiar e vinha de cima. De cima de mim, de algum andar acima do meu. O que me intrigava era que eu não entendia como



conhecia aqueles acordes, como sabia que aquilo me agradava. Quase sem querer fui obrigada a ter música especial pro meu jantar comigo mesma. Quase fiz uma ronda pelos andares pra saber de onde vinha aquela melodia. Mas ainda bem que ainda existe um pouco de bom senso em mim e decidi apreciá-la de longe. Eu não sabia que tinha um vizinho artista. “De repente é um sujeito bonitinho, que está sozinho em plena véspera de feriado curtindo uma fossa qualquer.” Dei risada de mim mesma por ter feito esse comentário em pensamento.

Eu tenho de parar de ficar emprestando a minha vida pras pessoas que eu nem conheço! Aff!

## PARTE IV

Eu acordei com o sol fazendo movimentos pela cortina e fiquei confusa, sem saber onde eu estava, que dia era e essas coisas todas que costumam acontecer quando fugimos de uma rotina cronometrada. Tomei um banho quente, coloquei um jeans e uma regata que meus pais trouxeram de Paris — toda rosa —, com a Torre Eiffel mal traçada, escrito *J'adore Paris*. Sempre achei que essa coisa de anunciar o amor por uma cidade fosse coisa de brasileiro. Mas não, os franceses também adotaram a idéia. Sai pra comprar meu café da manhã me sentindo a mais francesa das paulistas com aquela regata rosa. Saquei meus óculos escuros e entrei no elevador com a mesma pressa de sempre, com a diferença que eu não precisava ter pressa.

— Cuidado, senão você vai perder a próxima parada.

— Hmm?! Desculpa, não entendi — respondi procurando a minha carteira na bolsa.

— Nada não, foi só uma brincadeira. Você parece atrasada pra algo em pleno feriado.

— Ah, desculpa. Nem falei bom dia. É que eu tenho o péssi-



mo hábito de me comportar como se estivesse sempre perdida e atrasada.

— Talvez se morasse em Paris, se sentisse menos atribulada — sorriu o sujeito apontando para a minha regata.

Eu sorri. Fiz cara de quem achava aquela conversa desnecessária, mas sorri. Ele retribuiu o sorriso e emendou:

— O Morrison resolveu passar o resto da eternidade em Paris, achei uma boa escolha.

— Mais um motivo para um dia eu ir até lá — sorri novamente e me despedi, saindo do elevador com a mesma pressa que entrei.



## PARTE V

Eu detesto reuniões. As de condomínio então chegam a me irritar, com direito a uma dose de analgésico para a dor de cabeça que certamente virá. Pensei em não ir. Não me sinto muito à vontade para falar que o filho da senhora do quarto andar costuma prender o elevador toda vez que eu chego com as compras. Sei lá, acho que não vai dar em nada, fora que se eu fosse o garoto, iria querer me vingar daquela que me denuncia publicamente.

Mas eu precisava ir desta vez. Parece que algumas mudanças iriam acontecer e eu precisava pelo menos saber o que eu iria pagar — porque é sempre assim: reunião marcada, decisões acertadas sem que você ao menos proteste e queda brutal no orçamento. Então fui fazer uma visita no meio da tarde a uma das construções que estou acompanhando — vida de arquiteta não é tão glamurosa quanto pode parecer — e voltei mais cedo pra tal reunião.

Fiquei espantada ao reparar que eu não conhecia muitos dos meus vizinhos. Embora seja um prédio de apenas quinze andares



e trinta apartamentos, pelo menos umas nove pessoas eu nunca tinha visto por lá.

— Hoje a garota que adora Paris parece mais séria com esse casaco.

— Olá pra você também — disse com um sorriso um tanto tímido.

— Olá. Eduardo, prazer — ele disse, sorrindo.

— Sophia, prazer.

— Sophia. Sophia. Belo nome. E o que faz a Sophia além de adorar Paris?

— Eu passo o dia projetando coisas, rabiscando papéis e visitando obras.

— Hmm, interessante. Em outras palavras, você é...

— Arquiteta.

— Legal. Eu nunca consegui desenhar uma casa que não fosse torta. Parabéns pelo talento.

— Talento?! Talvez — ri com certo desconforto — na verdade, um dia prestei vestibular e passei. Depois comecei a trabalhar e assim as coisas foram acontecendo. Não chega a ser talento. Uma escolha, talvez.

— Escolhas são importantes — ele disse, irônico, acho — eu mesmo, escolhi fazer faculdade de música, e optei por comprar



um piano aos vinte anos.

— Piano?! Você não tem cara de *nerd*. Sempre achei que os *nerds* gostassem de tocar piano — disse, assim, sem pensar, inaugurando o primeiro fora da noite.

Ele riu como quem não se incomodou com o meu comentário.

— Ai, desculpa. Eu não quis dizer que...

— Ok, já disse, agora vou propor um aumento do seu condomínio pela calúnia. E não adianta pedir perdão porque eu sou um tanto vingativo.

Eu ia responder alguma coisa, mas não deu tempo. A Flora, a síndica do prédio, uma quase senhora de meia idade que vestia um vestido colorido o suficiente para me deixar com tontura, começou a falar e ficamos em silêncio por um tempo, um lado do outro.

A primeira parte da reunião eu não lembro direito. Só sei que começaram a discutir sobre as crianças e realmente me abstrai de tudo aquilo. Peguei um chocolate da bolsa e fui interrompida com um comentário engraçadinho do Eduardo:

— Chocolate pras horas de estresse?!

— Oh não, não, não... eu não tenho filhos, na verdade é apenas uma maneira de passar o tempo fazendo alguma coisa.



— Mastigando?

— Sim. Parece estranho, mas pelo menos não chama tanto a atenção — falei baixinho.

— É, essa parte também não me interessa muito, embora eu esteja morrendo de vontade de falar para a Flora que o filho dela costuma passar trotes pelo interfone.

— Sério?! Nossa. Esse menino merece ser torturado mesmo!

Rimos juntos. O senhor do apartamento doze ouviu o comentário e fez uma cara de desaprovação. Rimos de novo.

Uns quinze minutos depois, o Eduardo levanta o braço direito e pede licença pra falar alguma coisa, e acho que foi uma das coisas mais engraçadas que eu já ouvi numa reunião de condomínio:

— Flora, boa noite. Boa noite a todos. Eu queria sugerir que colocássemos um som ambiente no elevador principal.

Percebi um certo olhar de surpresa e algumas testas franzindo enquanto o Eduardo falava.

— Ah, boa noite. Desculpe-me, qual seu nome mesmo?

— Eduardo. Eduardo Scorzelli.

— Oi Eduardo. Bem, você me pegou de surpresa. Na verdade não creio que esta sugestão seja uma das prioridades do condo-

mínio, ainda mais...

— Desculpe Flora, tudo bem?! — eu disse um tanto envergonhada — Eu concordo com o Eduardo, acho que seria interessante uma musiquinha no elevador, algo relaxante, e acredito que não esteja fora do orçamento e...

Eu nem terminei de falar e a sala com quase cinquenta pessoas resolveu ser um recinto pra conversas paralelas, comentários avidos contra e a favor da tal música ambiente no elevador.

— Obrigado pelo apoio.

— Tudo bem — eu disse, sorrindo — achei que se falasse alguma coisa não iria parecer tão absurdo.

— Mas você achou absurdo?

— Não chega a ser absurdo, mas é estranho. Ainda mais porque na hora que você pediu atenção, a Flora falava da troca do portão da garagem.

Ele riu, riu como uma criança que descobre que falou bobagem e se diverte com isso.



## PARTE VI

— Chocolate quente ou café?

— *Capuccino*, pode ser?

— Claro — ele disse, pedindo o mesmo para ele.

— E você pensa em Mozart pras viagens aos nossos respectivos andares? Ou Frank Sinatra?

— Na verdade pensei em algo mais *rock'n'roll*. Mas acho melhor anunciar a segunda parte da minha sugestão numa próxima reunião.

Ri. Ri um riso contido, sem saber como sai daquela reunião imensamente chata e estava naquela cafeteria com meu vizinho até então desconhecido.

— E você, mora há quanto tempo aqui? Nunca te vi pelos corredores — eu disse.

— Quase três meses. Pouco tempo. Morava em outro prédio, perto da Cidade Universitária.

— Mas você não é de São Paulo. Não pelo sotaque.

— Aham. Sou de Campo Grande.

— Nossaaaaa. Longe.

— Sim, longe. Você conhece?

— Não, mas gostaria. Dizem que tem uma gruta linda, na região de Bonito, onde o lago é azul.

— É um lugar lindo. Embora fique a uns trezentos quilômetros de Campo Grande, onde nasci. Mas garanto a você que sairia de lá com uma camiseta escrito “Eu amo Bonito”.

Ele me arrancou sorrisos. Aliás, ele tinha um sorriso lindo. Usava uma blusa de moletom do Echo & The Bunnymen e tênis Adidas, que o deixava com cara de garoto. Não vou negar que tive vontade de ficar mais tempo com ele, mas pensei comigo mesma: “Sophia, da última vez que você tomou *capuccino* com alguém com a distância de três palmos entre uma boca e outra, você se fodeu”.

Nos despedimos com um beijo no rosto, meio sem jeito e eu fiquei no sexto andar, enquanto ele foi para o sétimo. Ainda dei um tchauzinho enquanto a porta do elevador fechava e me senti a pessoa mais idiota do mundo.



## PARTE VII

Desde que me formei, há um ano e meio, ainda não tinha sentido o prazer de tirar uns dias de férias. Percebi que estava precisando disso, mas a sorte de ter encontrado um emprego bacana me fazia adiar um pedido quase insano — insano para eles, óbvio para mim — de alguns dias em algum lugar distante daqui. Percebi neste feriado que passou que fazia muito tempo que eu não me sentia sozinha de fato. Todos os dias, com a correria de ter de trabalhar, ir duas vezes por semana às aulas da pós e ter de ser dona de mim mesma me fazia ter uma sensação enganosa de estar sempre acompanhada. Mas não, eu chego todas as noites em casa, preparo uma xícara de café com leite e ouço aquela música que me faz sentir num episódio de um seriado qualquer. Eu queria saber quem era o dono dela. Quem era essa pessoa que ritmava as minhas noites de insônia e cansaço com uma canção que mais me parecia uma ode apaixonada. Dias depois da reunião do condomínio e do papo na cafeteria com o Eduardo, parei pra pensar que talvez ele fosse o dono daquela canção que me faz lembrar das tempestades de alguns anos atrás quando vim

sozinha morar em São Paulo, quando me trancava no quarto e chorava uma saudade que nunca soube explicar.

“Ei, por que você toca todos os dias essa música?!”, senti vontade de bater à porta do Eduardo e perguntar, como se tivesse alguma razão para isso. Não. Continuei bebendo o meu café, pensando nas coisas que não fazem mais sentido pra mim. Em como me tornei essa pessoa que aos vinte e cinco anos fica sentada no sofá segurando a tal xícara nas mãos e pensando num desconhecido que toca piano, mas não é *nerd*, que propõe música no elevador social, que tem cara de poeta maldito e se veste como estudante, mas que é professor de música e tem uma banda, que mexeu comigo pelo simples fato de eu usar uma regata cor-de-rosa.

Meu Deus, devo ser a pessoa mais carente da face da Terra. Mas convenhamos que o tal do Eduardo é muito bonito, isso ele é. E eu queria que ele fosse dono daqueles acordes.



## PARTE VIII

Eu ensaiei várias vezes uma ida ao elevador. Pensei em várias desculpas pra ir até o apartamento dele. Todas esfarrapadas. Todas me fariam ficar vermelha de vergonha e nem cabelo comprido eu tenho pra jogar na cara. Pensei em falar com a Flora pra marcar uma nova reunião de condomínio. Seria ridículo, eu sei.

Coloquei um CD para tocar. Música sempre soou como boas-vindas de alguém que você muito quer saber. Música sempre me fez dançar na sala, descalça, de olhos fechados e feliz da vida. Gosto de abrir a janela da sacada, olhar pro céu e perceber que não tem ninguém observando os meus delírios. Mas naquele instante, a música parecia querer trazer boas-vindas a um sentimento novo, eu sabia que era algo diferente, mexia comigo e, de certa forma, me fazia dissonante com aquela vida de trabalho-aula-mercado-elevador-insônia-etecetara-e-tal.

A música, quando sussurra em teus ouvidos, como se fosse uma oração quase profana, te faz perder toda agonia daqueles dias de dedicação a amores em vão. Acho que desaprendi a gostar daquilo que me faz bem. Por algum tempo me apaixonei pelo

errado, insisti em vê-lo colorido, quando tudo era tão cinza. Por dias inteiros me deixei ser comandada por metáforas fora de ordem, em desalinho e eu não percebia. Acho que vivi um tempo em guerra santa, guerra fria e tudo o que eu queria era o calor daqueles acordes de guitarra, da voz baixinha em meu ouvido, me provocando, aclamando qualquer coisa que não fosse brando.

Eu queria exatamente aquilo: pausas ritmadas, como se fosse uma ópera, que não precisava de todo aquele *glamour* de *Uma Linda Mulher*. Eu nunca quis ser a Julia Roberts. Eu queria só o sentimento, um cigarro entre os dedos, um sorriso de canto de boca, e aquele solo quase lúdico que eu não sei de onde vem.

Olhe de perto. Um pouco mais. Sim, um pouco mais. Eu sempre quis ser anônima. Quis estar subentendida naquela pausa. Os gritos são metáforas de leves sussurros. E eu já não sabia mais além do céu que vejo pela sacada do prédio.



## PARTE IX [A VERSÃO DELE]

Adoro vê-la entrar pelo *hall* do prédio com aquela afobação de quem está sempre atrasada. Adoro mesmo. A primeira vez que percebi aqueles passos quase perdidos e com pressa foi há quase dois meses e desde então me programo sempre na mesma hora para degustá-los em pequenos goles. Ela troca de bolsa com certa frequência e acho graça quando ela resmunga sozinha, procurando a chave do apartamento antes de entrar no elevador. Nessa hora queria ser o sonoplasta do prédio, tirar aquela música ambiente idiota e sacar as guitarras do tio Ian para dar mais graça à cena. E na mesma hora achei que seria interessante participar da próxima reunião com a síndica. Foi quando percebi que nem música ambiente temos em nosso elevador... E foi quando cheguei ao absurdo de propor que tenhamos som no elevador social. Sei que fui ridículo, que provoquei risinhos dos outros moradores que têm suas vidas ocupadas demais para ouvir qualquer coisa que não seja os berros dos filhos entre suas paredes não acústicas.

Na verdade, aos trinta e dois anos eu ainda não tinha visto

jeito de andar tão delicado. Mesmo com pressa, ela é linda. Ela é doce. Ela é intrigante. Eu tocava todos os dias uma música que fiz para ela, sem ao menos saber seu nome. Ela combina com a luz da noite, sabe? É daquelas garotas que não precisam de maquiagem pra ser mais bonita, nem atraente. Pensei por várias vezes ir até seu apartamento, me apresentar, dizer que queria sair com ela, e coisa e tal, mas embora eu não seja o sujeito mais tímido da face da Terra, senti um certo constrangimento em olhar para aquelas olhos pequenos tão de perto.

Mas daí vieram as reuniões de condomínio, os nossos encontros por acaso no *hall* do prédio — parecia coincidência, mas eu a observava pelas câmeras do circuito interno do prédio e descia afoito, tentando parecer que também vivia na pressa — e algumas xícaras de café como desculpa de qualquer coisa.

O engraçado de tudo isso é que em um dia que parece estreito o suficiente pra qualquer encontro premeditado, o destino vai lá, dá um tapinha em suas costas e diz que agora só depende de você. E você se sente um garoto. Confuso. Não sabe onde colocar as mãos. Não sabe se fala alguma coisa ou deixa-se entregar.

A campainha toca. Sei que é ela. Sei que poderia dizer uma piadinha qualquer sobre arquitetos. Ensaiei tantas vezes. Mas ri diversas vezes por achar que poderia ser uma boa piada — e



definitivamente não era.

Abri a porta. Sorri e dei espaço para que ela entrasse. Não a deixei falar nada. O destino tinha dito que era por minha conta, então resolvi assumir o papel do sonoplasta, do roteirista e tudo mais. Coloquei a canção dela pra tocar e a puxei pra dançar. Ali estavam subentendidas todas as minhas intenções. Todas. Todas. Todas.



**FIM**



OCEAN RAIN

## SOBRE A BANDA

Echo & the Bunnymen é uma banda inglesa de pós-punk formada em Liverpool, em 1978. Entre suas influências destacam-se The Beatles, The Velvet Underground e The Doors. As origens da banda remontam ao final dos anos 70, quando Ian McCulloch, Pete Dinklage e Julian Cope formam os The Crucial Three. Em 1978, McCulloch, juntamente com Will Sergeant, criam o duo Echo, utilizando uma caixa de ritmos em substituição da bateria. No mesmo ano, o baixista Les Pattinson junta-se à banda, e realizam o seu primeiro concerto ao vivo no clube Eric, em Liverpool, com o nome Echo & The Bunnymen. Com *Ocean Rain* e a música "Killing Moon", entra, mais uma vez, para o *Top Ten* das tabelas, atingindo a quarta posição, no Reino Unido, e entrando para o *Top 100*, nos EUA e se torna, definitivamente, uma referência do *rock*.

# CRÉDITOS ORIGINAIS

## **OCEAN RAIN - ECHO & THE BUNNYMEN**

Design por Martyn Atkins

Fotografia por Brian Griffin

Lançado em 4 de Maio de 1984

Selo: Columbia Records

Produzido por Bunnymen

Para mais informações sobre a banda, visite:

**[www.bunnymen.com](http://www.bunnymen.com)**

## SOBRE A AUTORA

Tatiana Pereira tem 29 anos e é Farmacêutica Bioquímica há quase cinco anos. Há pouco mais de 1 ano escreve no *blog* De Analgésicos & Opióides. É apaixonada por literatura *pop*, por Clarice Lispector e Fernando Pessoa, por muitas vezes pensou ter dividido uma mesa de bar com um dos heterônimos de Pessoa, mas não costuma falar sobre isso porque não a entenderiam. Cresceu ouvindo Elvis Prestley e seu pai a fez acreditar que ele era algo semelhante a Deus. Na adolescência começou a provocá-lo ouvindo Beatles e depois viveu em turbilhão ao som de Echo & The Bunnymen, e daí por diante tem sido uma compilação de canções que falam por ela. Deve ter plantado uma árvore quando criança, mas deve plantar outra para lembrar. Tem um livro de poemas engavetado e um romance inacabado. Pretende ter filhos que irão ao jardim de infância de moicano e que usarão *bottons* dos Smiths em suas mochilas.

# ATRIBUIÇÃO: USO NÃO-COMERCIAL COMPARTILHAMENTO PELA MESMA LICENÇA 2.5 BRASIL

**A MOJO BOOKS é filiada à Creative Commons.**

Com este livro você pode:

- copiar, distribuir, exibir e executar a obra
- criar obras derivadas

**Sob as seguintes condições:**

**Atribuição.** Você deve dar crédito ao autor original, da forma especificada pelo autor ou licenciante.

**Uso Não-Comercial.** Você não pode utilizar esta obra com finalidades comerciais.

**Compartilhamento pela mesma Licença.** Se você alterar, transformar, ou criar outra obra com base nesta, você somente poderá distribuir a obra resultante sob uma licença idêntica a esta.

- Para cada novo uso ou distribuição, você deve deixar claro para outros os termos da licença desta obra.
- Qualquer uma destas condições podem ser renunciadas, desde que Você obtenha permissão do autor.

Qualquer direito de uso legítimo (ou "fair use")  
concedido por lei, ou qualquer outro direito protegido  
pela legislação local, não são em hipótese alguma afetados  
pelo disposto acima.

**38 OCEAN RAIN**  
**ECHO & THE BUNNYMEN**  
PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM



1. SILVER
2. NOCTURNAL ME
3. CRYSTAL DAYS
4. THE YO YO MAN
5. THORN OF CROWNS
6. THE KILLING MOON
7. SEVEN SEAS
8. MY KINGDOM
9. OCEAN RAIN

